

## VIAJANDO COM LIVROS

## O PORTO ATÉ AOS OSSOS

Raul Brandão definiu o perfil da cidade, a relação com o Douro e o comportamento frontal dos seus habitantes. Tudo aquilo que perdura, apesar das inovações de cada época  
**POR ANTÓNIO VALDEMAR**

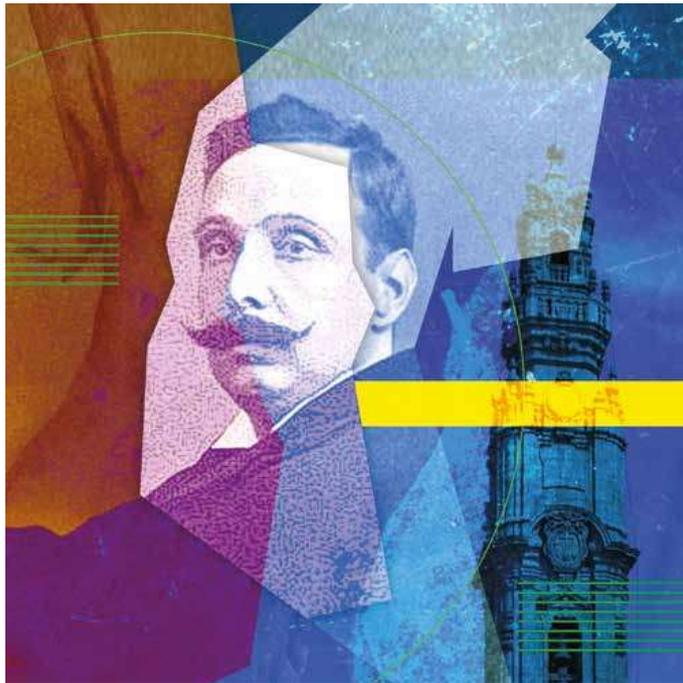
**O** Porto tem uma história, uma tradição e um carácter muito próprios. Um dos maiores escritores portugueses, Raul Brandão enalteceu o património construído, o património natural, a relação da cidade com o Douro e a intervenção de figuras que marcaram o quotidiano e se incorporaram na memória coletiva.

Recorde-se que Raul Brandão (1867-1930) nasceu na Foz do Douro e iniciou a sua afirmação literária, no Porto. Foi no período em que colaborou na *Revista de Portugal*, de Eça de Queiroz (1889-1892) e na *Revista de Hoje* (1894-1896) que integrava o núcleo de poetas e de escritores que acompanhava as várias componentes da vanguarda simbolista. Os vínculos de Raul Brandão com o Porto seriam reforçados no convívio com Teixeira de Pascoaes, com Jaime Cortesão, com o pintor António Carneiro e outras personalidades que fundaram a *Renascença Portuguesa*, a revista *Aguia*, e, anos depois, a *Seara Nova*.

Durante quatro décadas (1890-1930) o cerne da sua criação ganhou expressão cada vez mais intensa em três das suas obras mais significativas: *A Farsa* (1903); *Os Pobres* (1906); e *Húmus* (1917). Circunscreveu-se à simbólica da máscara, à fatalidade da miséria e aos infortúnios da marginalidade. Aprofundou a rotina da sobrevivência e a ganância do poder; as teias da hipocrisia, o veneno do ódio, a maldição da inveja e as armadilhas da vingança. A ausência de valores éticos e de princípios morais e cívicos, a incapacidade da religião para garantir a justiça social e assegurar a igualdade de oportunidades.

O real é quase sempre fantástico na obra de Raul Brandão. Busca o que há de mais secreto em cada ser humano nas suas múltiplas dimensões. Mesmo quando deriva para a investigação histórica. É o caso do texto introdutório para *O Cerco do Porto*, do Coronel Owen (1915), que se insere no conjunto de outros livros, *El-Rei Junot* (1912) e *A Conspiração de 1817 - Gomes Freire* (1914), a propósito das convulsões revolucionárias do começo do século XIX e que mudaram, por completo, o destino de Portugal.

Também nos três volumes de *Memórias* de Raul Brandão, a realidade, volta a ser transfigurada ao fixar episódios, muitos dos quais do Porto, que ocorreram no final da Monarquia e nos anos tumultuosos da Primeira República. Reconstituiu casos insólitos nos bastidores do Parlamento, nos gabinetes de ministérios, nas tertúlias literárias, nas portas de livraria, nos camarins de teatro, nas mesas de cafés, nas redações de jornais,



Raul Brandão, por Álvaro Carrilho

nos ateliers de artistas e nos acasos das esquinas.

Multiplicam-se os episódios pitorescos, no centro urbano do Porto, no «escuro *Café Camanho*», «o refúgio dos literatos». Durante «muitas noites e, a altas horas», lá aparecia também Eça de Queiroz, «com o monóculo entalado no olho e sentando-se sozinho, pedia uma galinha cozida que comia com fome de lobo». Reproduz as rajadas sarcásticas de Guerra Junqueiro, em redor da Praça Nova: «O padre português, além de não ter convicções em se tratando da barriga, tanto lhe faz que as pessoas da Santíssima Trindade sejam três como trezentas».

Refere a erudição torrencial de Sampaio Bruno, ora a dirigir a Biblioteca do Porto, ora na padaria do pai, na rua do Bonjardim, a servir os clientes ao balcão, onde recebeu Miguel Unamuno, na primeira visita ao Porto. Desvenda-nos a intimidade severa de Basílio Teles, o notável memorialista *Do Ultimatum ao 31 de Janeiro* (1905), o exemplar tradutor de grandes clássicos gregos, o comentarista sagaz da atualidade política e dos movimentos económicos e financeiros. Uma vida inteira de total austeridade, até falecer em casa, na mais desoladora solidão.

A cada passo das *Memórias* deparamos observações políticas que se repeti-

ram e avolumaram até aos nossos dias: «a política em Portugal» – salientou Raul Brandão – «tem sido a mais rendosa de todas as indústrias»; os políticos sempre «mentindo, para se instalarem no poder»; para satisfazer «clientelas sôfregas, corromper o País, cada vez mais corrompido, até à medula». Cita, nomeadamente, um dos sobrinhos de Hintze Ribeiro, que «colocou toda a gente a começar pelos seus», ao ser «nomeado director da Alfândega do Porto, com quatro contos de réis anuais, o ordenado superior a um ministro».

Quase todos os historiadores, os escritores e os cronistas do Porto ocuparam-se, das origens e desenvolvimento da cidade através dos séculos; da arquitetura tão diversificada: da exuberância do barroco, da opulência dos conventos e das igrejas, do esplendor da talha revestida de ouro e da policromia insinuante dos azulejos. Raul Brandão preferiu os tipos humanos, a atmosfera espessa mergulhada nos tons baços e pardacentos do nevoeiro, aquele «nevoeiro que sobe e ascende e dá a esta cidade um não sei quê de negro e desvairado».

O rio cobre-se de uma poeira cinzenta e roxa e – recorda Raul Brandão – há na água «um faiscar de prata às chapadas onde arde lume dourado»; confrontamos com o alvoroço da «Ribeira cheia de povo, do mulherio aos gritos»; o Douro dia e noite sempre com «grandes barcaças e vapores ancorados e, logo ao amanhecer, o cais com gente a martelar na ponte sem descanso». (...) «As ruas à noite, a altas horas, são denegridas, ermas, cheias de sombras a esvoaçar na humidade em negrimes sobre negrimes», que acentuam o rosto de uma cidade «de casas e ruas como bocas podres», mas que «se não é a mais bela, é a mais pitoresca cidade que conheço no mundo».

Mas tão diferente de outras regiões de Portugal: o Minho com a irradiação eufórica de todos os verdes; a Beira Litoral com os canais da ria a correr para o Atlântico; o Ribatejo, com a efervescência da lezíria aberta para o Tejo; o Algarve na sua plenitude luminosa e que o poeta João Lúcio exaltou perante «a água, sob as quilhas,/ com um vago rumor, cetinosa e azul,/ as líquidas canções, as finas baladilhas/ deste mar sonhador, do meigo mar do Sul». O Porto que Raul Brandão viu por fora e por dentro e até aos ossos, a cidade repleta de granito enferrujado, a «pedra pegajosa entranhada de salitre», permanece associada ao comportamento frontal dos seus habitantes, a tudo aquilo que perdura, no inesperado de cada dia, apesar das inovações que constituem o testemunho de cada época.

O REAL É QUASE SEMPRE FANTÁSTICO NA OBRA DE RAUL BRANDÃO. BUSCA O QUE HÁ DE MAIS SECRETO EM CADA SER HUMANO NAS SUAS MÚLTIPLAS DIMENSÕES. MESMO QUANDO DERIVA PARA A INVESTIGAÇÃO HISTÓRICA